



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## BÚSSOLA HOMILÉTICA: INDICANDO PRINCÍPIOS ORIENTADORES PARA O LABOR HOMILÉTICO

---

**Homiletic compass: guiding principles for the task of homiletics**

Jonas Krause<sup>1</sup>

### Resumo:

Pregar a palavra de Deus sempre foi algo desafiador. Na atualidade, é mais ainda, devido às influências que os membros das igrejas cristãs recebem diariamente. Quem quiser pregar a palavra de Deus deverá esmerar-se para tal tarefa, mostrar que tem conhecimento acerca de Deus e, também, de seus ouvintes. Quanto mais intimidade com Deus e com as pessoas ouvintes das prédicas, mais chance a pessoa do/a pregador/a tem de trazer uma mensagem relevante para o seu público. Deus se dá a conhecer no cultivo da espiritualidade. Já as pessoas, conhecem-se fazendo visitas, pesquisas (com enfoques específicos), ouvindo, dialogando. A confecção da pregação deverá levar em conta os métodos homiléticos. A espiritualidade moldará a pregação, bem como o que alegria e o que preocupa os/as ouvintes deverá ser levado em conta. A participação do ouvinte é tamanha que a pregação é finalizada nos ouvidos e no coração do ouvinte. (Não trazer verdades prontas, mas conduzir o/a ouvinte a tirar as suas próprias conclusões. Permitir que o/a ouvinte embarque e desembarque da reflexão no seu devido tempo.)

### Palavras-chave:

Homilética. Pregação. Manual de homilética. Culto. (Reflexão sobre os recursos para preparar uma pregação). Recursos homiléticos. Nova homilética.

### Abstract:

Preaching the word of God has always been challenging. It is even more challenging at present because of the influences to which members of the Christian churches are exposed on a daily basis. Those who want to preach the word of God must do their best, show that they have knowledge about God and their hearers. The greater their intimacy with God's word and the people hearing the sermon, the greater are the chances that the preacher will bring a message that is relevant to their audience. God is revealed in the cultivation of spirituality. One can get to know the people through visits, surveys (with specific foci), by listening, through dialogue. The preparation of the sermon has to take the homiletic methods into account. Spirituality will shape the sermon, and the joys and worries of the hearers have to be taken into account. The hearer's participation is so essential that the sermon is concluded in their ears and heart. (One should not

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade EST (Escola Superior de Teologia), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. No momento, o autor está realizando o Período Prático de Habilitação ao Ministério (pastoral) na Paróquia Evangélica em Igrejinha/RS pertencente à IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil). Contato: krause.jonas@gmail.com.

bring ready-made truths, but help the hearer to draw their own conclusions. One should allow the hearer to join the reflection and to withdraw from it at the right time.)

**Keywords:**

Homiletics. Preaching. Homiletics handbook. Worship service. (Reflection on resources to prepare a sermon). Homiletic resources. New Homiletics.

\*\*\*

**Introdução**

Bússola homilética pode soar um tanto estranho como título para este artigo, mas a intenção deste é trazer alguns apontamentos para um possível manual para homilética. Os pontos aqui apresentados indicam mais concentradamente para uma direção. A partir da orientação fixa que a seta da bússola fornece, cada usuário dela pode seguir na direção que deseja – ou necessita –, com segurança. Não existe um manual completo e unidirecional para a homilética! O que existem são princípios orientadores. Cada pessoa que faz uso da homilética necessita elaborar o seu próprio manual.

As pessoas nem sempre vão para a igreja, em primeiro lugar, para ouvir a palavra de Deus, mas sim, para receber atenção, experimentar o amor de Deus. As pessoas, muitas vezes, querem um abraço, um sorriso, um aperto de mão. Sermões e prédicas podem ser vistos e ouvidos também na televisão (em cultos televisionados, filmes, documentários, jornais, novelas, etc). As pessoas precisam de amor e de calor humano. A palavra pregada, os hinos, as ações, tudo são formas de comunicar o amor de Deus e a mensagem do Evangelho.

Com raras exceções, nossas pregações utilizam apenas as palavras como recurso de comunicação. É importante tomarmos consciência de que o acolhimento, o abraço ou um beijo, um sorriso ou aperto de mão, um gesto gentil ou quaisquer outras formas simbólicas podem manifestar a Boa Nova ou, na pior das hipóteses, preparar o terreno do coração para a semente da Palavra.<sup>2</sup>

Isso deve estar claro para a pessoa que assume a tarefa da pregação. A liturgia, como um todo, vai oferecer os elementos que as pessoas estão buscando (por exemplo, na acolhida, no gesto da paz, na comunhão). Igualmente a atitude e a postura do pregador devem oferecer acolhida, naturalidade (sorriso) e cordialidade, o que é muito importante para a comunidade reunida.

Evidentemente, mesmo estando cônica disso, a pessoa que tem a tarefa de pregar esmerar-se-á em fazê-lo da melhor maneira possível, e é para esta finalidade que ela quer colaborar.

**Cultive a espiritualidade**

O/a pregador/a que está incumbido de proclamar a palavra de Deus lança mão da sua própria experiência com Deus. Essa pessoa precisa experimentar Deus, viver, ouvir, sentir, falar com Deus constantemente. Essa vivência tem de ser de tal forma “que a profissão, a vida é culto:

---

<sup>2</sup> LORO, Tarcisio Justino. Jesus Cristo, modelo de comunicador. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. São Paulo, p. 47-55, 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/3463/2287>> Acesso em: 25 de abril 2012. p. 53.

como correspondência profunda e integral”<sup>3</sup> com Deus. A comunhão com Deus dá um brilho especial ao pregador. “Moisés subiu ao monte, onde esteve em comunhão com o Senhor, e ao descer, com as novas tábuas da lei nas mãos, seu rosto resplandecia (Êx 34.21-34)”<sup>4</sup>. O brilho não é seu próprio, mas, sim, um dom de Deus.<sup>5</sup> João Batista, precursor do Messias, pregador, denominado: “voz do que clama no deserto”, manifestou o foco das atenções dos seus ouvintes no Cristo: “Ele tem de ficar cada vez mais importante, e eu, menos importante,”<sup>6</sup> Jo 3.30. A pessoa do pregador terá um “brilho especial quando humildade incondicional, quando o pregador se apresenta tão-somente como porta-voz, sabendo que é servo do senhor da pregação”. O/a pregador/a torna-se especial quando ele/a não promove a si mesmo, mas, sim, o Senhor da pregação que é Deus.<sup>7</sup> O pregador deverá esconder-se à sombra da cruz do Senhor da pregação “e pregar para que Jesus brilhe”.<sup>8</sup>

A espiritualidade do/a pregador/a, ao natural, será perceptível, mas jamais deve ser uma autopromoção. A vida do/a pregador/a reflete-se no púlpito.<sup>9</sup> O modo deste comportar-se no púlpito tem de ser contundente com a sua vida.<sup>10</sup> “Pregação e vida formam um binômio inseparável. Enquanto pregamos, os ouvintes atentam não apenas em nossas palavras, mas, primeiramente, em como vivemos”.<sup>11</sup> A espiritualidade não pode ser algo forçado, uma farsa, pois isso torna-se perceptível para as pessoas que conhecem o/a pregador/a. “Precisamos primeiro viver para depois falar; a melhor ilustração é o modo de vivermos”.<sup>12</sup> Aquele/a que “não vive o que prega, cai em descrédito”.<sup>13</sup>

O cultivo da espiritualidade se dá na busca contínua da leitura da Bíblia, em cultivar tempo para a oração pessoal, bem como a participação de cultos, estudos bíblicos, de retiros com caráter espiritual e de aprendizagem.

### Conheça os teus ouvintes

É evidente, e apontada por vários escritores da área da comunicação, a importância de se conhecer bem o público para o qual se vai falar. É preciso avaliar o conhecimento dos ouvintes sobre o tema do culto, bem como o seu grau de instrução para, daí, preparar a mensagem, a fim de que não seja algo muito além da capacidade dos ouvintes, mas que também não seja algo que eles já sabem.<sup>14</sup> De igual forma, é importante levar em conta a faixa etária dos ouvintes. Pessoas com mais de setenta anos gostam de contar histórias e de recordar as suas histórias de vida. Essas pessoas, “preferem falar do passado, das experiências que tiveram, a refletir sobre o futuro”. Diferentes são os jovens, pois o passado nem sempre os inclui diretamente. As pessoas jovens

---

<sup>3</sup> SEITZ, Manfred. *Prática da Fé: culto, poimênica, espiritualidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 168.

<sup>4</sup> MORAES, Jilton. *Homilética: do púlpito ao ouvinte*. São Paulo: Vida, 2008. p. 68.

<sup>5</sup> MORAES, 2008, p. 68.

<sup>6</sup> *Bíblia de Estudo Conselheira Novo Testamento: acolhimento, reflexão, graça*. Nova tradução na linguagem de hoje. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri: São Paulo, 2011. p. 196.

<sup>7</sup> MORAES, 2008, p. 68.

<sup>8</sup> MORAES, 2008, p. 111.

<sup>9</sup> MORAES, 2008, p. 144.

<sup>10</sup> MORAES, 2008, p. 367.

<sup>11</sup> MORAES, 2008, p. 366.

<sup>12</sup> MORAES, 2008, p. 368.

<sup>13</sup> STRECK, Edson E. Elementos essenciais à prédica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Vol./No. 33, p. 254-260, 1993. p. 254.

<sup>14</sup> POLITO, Reinaldo. *Superdicas para falar bem: em conversas e apresentações*. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 43-44.

fazem “planos, arriscam, são mais irreverentes e prevalecem nelas a impetuosidade e o interesse pelo futuro”.<sup>15</sup>

Assim, se perceber que a plateia é predominantemente jovem, você deverá desenvolver informações falando de planos, do que poderia ocorrer ou ser realizado no futuro. Se, por outro lado, o público for predominantemente idoso, você deverá recorrer aos fatos do passado e aproveitar a experiência dos ouvintes para despertar o interesse deles e motivá-los a chegar a conclusões que deseja.<sup>16</sup>

O contexto tem de estar diante dos olhos da pessoa que prepara uma mensagem. “Em que situação, sob quais circunstâncias emocionais, litúrgicas”<sup>17</sup> – são regras básicas a serem levadas em conta.

Para a pessoa do/a ministro/a conseguir conhecer o seu público de forma razoável, “é imprescindível que se conviva e dialogue com elas”. Assim, o/a pregador/a já estabelecerá um diálogo com os seus ouvintes no momento da confecção<sup>18</sup> da prédica. A visitação é algo imprescindível para o/a pregador/a coletar experiências de vida que lhe servirão de subsídios na moldagem da prédica. Quanto mais familiarizado o pregador estiver com os seus ouvintes, mais fluente será a comunicação.<sup>19</sup>

### Faça pesquisas

Entretanto, todo o preparo que a pessoa fizer para conseguir atingir um número maior de pessoas é muito necessário. O efeito da prédica não depende do/a pregador/a e, sim, de Deus.<sup>20</sup> Além disso, seria interessante investir em pesquisas na comunidade local, por exemplo, sobre os estágios de percepção apresentados por Jean Piaget. Mauro Batista de Souza, teólogo luterano, fez uma pesquisa quando ainda estudante de teologia sobre a questão dos estágios de desenvolvimento intelectual do ser humano. A pesquisa do autor amparou-se na teoria do pedagogo, epistemólogo, Jean Piaget. “Os estágios propostos pelo epistemólogo suíço são: sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório formal. Os dois primeiros, referem-se ao desenvolvimento de crianças de zero a dois e de 2 a 7 anos de idade, respectivamente. Estes estágios vão desde a inteligência prática da criança lactente, incapaz de diferenciar seu próprio corpo dos objetos que o cercam, até o desenvolvimento da linguagem (função semiótica) e do raciocínio pré-lógico”. Poderia se fazer o seguinte questionamento: o que esses estágios têm a ver com o tema da homilética em si? Acontece que as pessoas que (vêm ouvir e ver a prédica) ao culto encontram-se em algum desses estágios intelectuais. Considerando que a maioria das pessoas presentes nos templos tenham mais de sete anos de idade, concentrar-nos-emos nos dois últimos estágios sistematizados por Piaget.

No estágio das operações concretas, que acontece entre os 7 e os 11 anos de idade, “[...] o raciocínio lógico vai ocupando o espaço da percepção e da intuição, mas o raciocínio continua

---

<sup>15</sup> POLITO, 2005, p. 45.

<sup>16</sup> POLITO, 2005, p. 46.

<sup>17</sup> SOUZA, Mauro Batista de. Prédica e Música. In: EWALD, Werner (org.). *Música e igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 47.

<sup>18</sup> SOUZA, Mauro Batista de. *Diálogo entre pedagogia e homilética*. 1997. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1997. p. 39.

<sup>19</sup> MORAES, 2008, p. 116.

<sup>20</sup> STRECK, 1993, p. 255.

preso ao concreto. Surge (também) a capacidade de abstração refletidora, mas que permanece (igualmente) atrelada aos objetos e experiências concretas. As diferenças entre as aquisições deste período em relação às anteriores são notáveis. Sua grande limitação é estar presa ao real, ao palpável, o que só será superado no estágio seguinte”. Já no estágio das operações formais, “o conhecimento ultrapassa o próprio real para inserir-se no possível e para relacionar diretamente o possível ao necessário sem a mediação indispensável do concreto”. As pessoas que conseguem atingir este estágio, são pessoas que conseguem refletir de forma mais abstrata, hipotético-dedutiva e científico-dedutiva. As duas formas de pensamento (concreto e formal) são parecidas, pois trabalham com operações lógicas. “O pensamento concreto limita-se à solução de problemas reais e palpáveis no presente. As operações formais, por sua vez, também são “operações concretas”, só que “aplicadas em hipóteses ou declarações”. Passar pelos diferentes estágios de desenvolvimento do intelecto é um processo bastante natural nos seres humanos, e todas as crianças atingem as operações concretas. Entretanto, grande parte da população não chega a atingir o estágio maduro do desenvolvimento intelectual. Isso foi concluído por pesquisas realizadas nos Estados Unidos na década de 70, as quais revelaram “que apenas 50% da população atinge a etapa operatório formal”, e que “a maior parte dos adolescentes e jovens (acima de 85%) não apresentam estar no estágio do desenvolvimento intelectual operatório formal”. Uma outra pesquisa, realizada na Inglaterra em meados dos anos 70 e que analisou cerca de 10 mil pessoas na faixa etária dos 9 aos 14 anos, igualmente chegou à estatística semelhante, pois apenas 2 mil pessoas do público analisado haviam atingido o estágio das operações formais. Com base nesses dados, Souza concluiu que: “Não dispomos, neste momento, [não havia pesquisa há 15 anos atrás e nem na atualidade] de dados relativos a pesquisas semelhantes realizadas no contexto específico da IECLB. No entanto, podemos assumir como válida também para a realidade ecumênica a constatação de que o mesmo ocorre no demais âmbitos cristãos, de que a maioria das pessoas não atinge o estágio das operações formais. Não conseguem, portanto, abstrair, pensar sobre o próprio pensamento e têm sua capacidade de raciocínio presa ao real e ao concreto”.

A pergunta que devemos nos fazer é se não estamos usando demasiadamente categorias do pensamento formal em nossa pregação cujos ouvintes, em sua ampla maioria, se encontram no estágio das operações concretas. A pesquisa nos forneceria informações sobre em que estágio de desenvolvimento intelectual está nosso público. De igual forma, valeria a pena pesquisar sobre os meios de assimilação mais presentes nas pessoas: são elas mais imagéticas, auditivas ou cinestésicas? Ao pregador caberia esmerar-se em oferecer mensagens que ativarão pessoas em seus diferentes meios de comunicação, através de entonação da voz, música de fundo, gestos, recursos visuais, e proporcionar experiências cinestésicas.

### **Tenha um grupo de homilética**

Também é de grande valia usar a técnica experimentada pelo pastor, professor doutor Nelson Kirst. Kirst descreve a experiência do pregador contar com um grupo de pessoas de comunidade para preparar as prédicas na semana anterior ao culto. Kirst conclui que as pessoas leem o texto bíblico e já o vão aplicando à vida do dia a dia.

[...] não preciso mais inventar ou adivinhar problemas e situações, a partir da escrivinha. Os próprios ouvintes da pregação fornecem os problemas e situações – vivos,

palpitantes, reais – e tentam uma aplicação da mensagem. Quem está preocupado em falar da vida, na sua pregação, pode ter aí uma fonte autêntica e de enormes recursos.<sup>21</sup>

Essa parece ser uma proposta interessante e desafiadora: ter um grupo que ajuda a preparar a prédica do domingo.

### **Agora, tire tempo para elaborar a prédica**

Neste tópico, ater-nos-emos a fazer um ensaio de princípios que poderão ajudar a orientar um/a pregador/a na sua difícil tarefa de preparar uma palavra (mensagem) com base em um texto bíblico. Na árdua tarefa de preparar uma palavra (mensagem), “o/a pregador/a é estimulado a adotar uma postura de oração, na esperança de que Deus aceite como dele as palavras de quem prega”.<sup>22</sup>

#### Contemplação pessoal

Em primeira instância, vem a contemplação do texto bíblico, feita individualmente pelo/a pregador/a. A intenção é que a pessoa leia o texto bíblico, de modo tranquilo e em um ambiente de silêncio, contemplando-o sem pressa e com o olho desarmado. É de grande importância iniciar esse momento com um exercício de pacificação interior e exterior. Isso é feito quando a pessoa se conscientiza de sua própria consciência, do seu estado de espírito e de como estão os seus pensamentos. Então se deve procurar adotar uma postura de deixar de lado tudo aquilo que possa atrapalhar este momento de meditação.<sup>23</sup> Só então vem a contemplação do texto bíblico. Vale lembrar que este primeiro contato com o texto bíblico, de forma contemplativa, vai gerar um rastro de luz que irá iluminar todo o processo de confecção da prédica.<sup>24</sup>

A) Tentamos captar a primeira impressão, a estrutura, o evento ou a contextura<sup>25</sup> de sentido do texto e perguntamos: o que acontece aqui? (Acontecimento!). B) Tentamos apreender o evangelho, as afirmações essenciais, o teor querigmático e a reivindicação teológica feita pelo texto e nos perguntamos: o que faz Deus (Cristo, o Espírito Santo) para a salvação dos seres humanos? (Evento salvífico). C) Tentamos achar a palavra dirigida para a nós, nossas resistências e objeções, sua superação, bem como a relação com o presente, e perguntamos: O que me diz respeito incondicionalmente? (Ser atingido!).<sup>26</sup>

Também é relevante o que propõe o teólogo luterano Paulo Afonso Butzke. Ainda que a proposta da leitura orante da Bíblia não tenha intenção de propor um método para a preparação de prédicas, os pontos arrolados são relevantes para a discussão em pauta.

---

<sup>21</sup> KIRST, Nelson. Experiência homilética em Canudos: aprendendo no grupo de preparo de prédicas. *Estudos Teológicos*, Vol./No. 22/1, p. 49-79, 1982. p. 79.

<sup>22</sup> STRECK, 1993, p. 258.

<sup>23</sup> BUTZKE, Paulo Afonso. *Leitura orante – Orar com a Bíblia: passos para meditar um texto bíblico.* (texto avulso, não publicado, sem data). p. 01.

<sup>24</sup> SEITZ, 1990, p. 23.

<sup>25</sup> HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 194. Contextura significa: “Modo como estão interligadas as partes de um todo; composição, estrutura; encadeamento de ideias, palavras, etc.”.

<sup>26</sup> SEITZ, 1990, p. 23.

Usando a imaginação, reconstruo dentro de mim o cenário da história narrada pelo evangelho. Onde esta cena está acontecendo, em que tempo? O que percebo da paisagem, das pessoas, sua aparência, roupa, etc.? Tomo consciência da sequência da história. O que acontece? Quais os personagens envolvidos ativamente no acontecimento, quais são apenas espectadores passivos? Aproximo-me dos personagens individualmente. Como participam da cena, quais os gestos? O que falam, que sentimentos e emoções têm? O que ouço, vejo, cheiro? Participo interiormente do acontecimento. Encontro o meu lugar na história? Como é o meu personagem? Digo alguma coisa? Que sentimento e emoções eu tenho? E Jesus? Ele diz algo para mim? Como é seu rosto? Permaneço naquilo que me move interiormente, ali onde sou tocado existencialmente. O que percebo em mim? A cena bíblica, as palavras de Jesus, falaram a mim, lembraram alguma experiência de vida?<sup>27</sup>

Esta proposta apresentada é mais conveniente para a apreciação de textos que sejam histórias ou parábolas. Este primeiro contato com o texto bíblico não está preocupado com os possíveis ouvintes da prédica. Aqui o que importa é o contato do/a pregador/a com o texto, e nada mais! Nesta primeira etapa, é importante fazer anotações sobre as primeiras impressões e conclusões para, então, na próxima fase, confrontar estas com os dados da análise exegética. Essas conclusões devem ser escritas em papel, na forma de teses.<sup>28</sup>

### Trabalho exegético

De posse das observações feitas até aqui, dá-se prosseguimento, iniciando, assim, a análise exegética do texto bíblico propriamente dita.

A) *Intenção*: o que quer o texto alcançar nos ouvintes de então? (Pensamos numa oração afirmativa normal, não longa demais, mas, antes, curta. Ela não deve apresentar um resumo do conteúdo, e sim expressar o pensamento principal, a novidade de fé, o princípio organizador, o centro secreto, o alvo da proclamação ou seja lá como se queira denominá-lo). B) *Querigma*: quais são as afirmações teológicas do texto em concatenação lógica? (Pensamos num resumo do conteúdo do texto em forma de várias teses cuidadosamente formuladas. Ele pode se apoiar numa estruturação precisa, extensiva aos detalhes, tem caráter explicativo e impede aquilo que desde sempre tem sido considerado o perigo do método do escopo: a redução do texto a uma verdade genérica). C) *Idion*: em que consiste a peculiaridade do texto em termos de conteúdo e de forma? (Pensamos em poucas orações que destaquem o que o texto tem de especial ou único. Esse *proprium*, ou aquilo que faltaria ao Antigo Testamento, ao Novo ou ao livro da Bíblia em questão se este texto não existisse, deve ser descrito tanto em seu aspecto formal quanto em seu aspecto de conteúdo).<sup>29</sup>

Poderão ser arrolados ou excluídos outros elementos nesta parte do exercício. O importante é que não se prejudique a compreensão do texto.

A vida ministerial é, muitas vezes, marcada pela agitação e pela falta de tempo. Nesse caso, o/a pregador/a poderá optar por métodos mais brandos de análise exegética. Mas que isso não seja desculpa para o desleixo para com a preparação de prédicas.

---

<sup>27</sup> BUTZKE, S/D, p. 01.

<sup>28</sup> SEITZ, 1990, p. 24.

<sup>29</sup> SEITZ, 1990, p. 24.

## Reflexão homilética

Até então não se tinha pensado nos ouvintes, mas, de agora em diante, começa-se a relacionar o texto com os possíveis ouvintes. Segundo o teólogo luterano Manfred Seitz, leve-se em conta a tripla tarefa de quem está preparando a prédica: “a) Tenho de reconhecer tão precisamente quanto possível as pessoas a que devo me dirigir; b) tenho de confrontar suas perguntas com o texto e tratar delas a partir do texto; c) tenho que relacionar o material assim obtido com a comunidade concreta”.<sup>30</sup>

## Situação da comunidade

“Procuramos, tanto quanto possível, averiguar qual é a compreensão do texto por parte da comunidade, colocamos perante os nossos olhos sua situação, bem como certos casos e pessoas, e também não negligenciamos compreensões exemplares sobre o texto”.<sup>31</sup>

a) Compreensão do texto por parte da comunidade: o que presumimos haver de compreensão sobre este texto por parte da comunidade? Há alguma compreensão errônea usual. O pregador mantém aqui um diálogo preliminar com a comunidade sobre a prédica (aplica-se este ponto a quem tem um grupo de preparação para prédica). b) Relato da situação: conscientizamo-nos da situação em que a comunidade se encontra com vistas ao texto. O homileta procurará pontuar o que mobiliza seu ouvinte e seu grupo de ouvintes. Nesse item, levam-se em conta acontecimentos recentes que atingem sua comunidade, tanto em nível político, quanto social, ou num fato que teve forte repercussão na congregação, como uma morte, por exemplo. Passamos, por assim dizer, muitas casas com o texto bíblico em mente. É importante levar em conta também o ano civil e eclesiástico. c) Compreensões exemplares do texto: onde, na vida dos ouvintes, há expressões, ou frases, eventos parecidos, semelhantes ou totalmente contrários ao que trata o texto bíblico? Há algum filme, ou alguma propaganda, veiculada pelo rádio ou pela televisão, (*internet*) há um fato semelhante na história, ou na arte que se possa evocar? É importante lembrar que a mensagem a ser proclamada pode ser encontrada nas situações citadas, mesmo sem vinculação a uma religião.<sup>32</sup>

## Reflexão sistemático-teológica

O manejo com o texto bíblico pode suscitar perguntas. Elas podem já estar no texto ou serem dirigidas a ele. “Tomamos as perguntas presentes no texto e as que lhe dirigimos com base na situação da comunidade e procuramos achar uma resposta com a ajuda da teologia sistemática”.<sup>33</sup>

a) Do ouvinte para o texto: o primeiro ouvinte do texto é o próprio pregador. Ele deve levar em conta suas próprias questões. É necessário aguentar a tensão que surge entre a vida do pregador e as reivindicações do texto. É somente desta maneira que o pregador demonstra sua humanidade e fragilidade podendo, assim, ser solidário com seus ouvintes.

b) Do texto para o ouvinte: as perguntas levantadas até agora esperam uma resposta do texto. Mas também o texto bíblico levanta questões à vida das pessoas, da própria comunidade e, até, à instituição igreja. Precisa-se levar em conta o que a confissão da igreja vai responder, — ou

---

<sup>30</sup> SEITZ, 1990, p. 25.

<sup>31</sup> SEITZ, 1990, p. 25.

<sup>32</sup> SEITZ, 1990, p. 26.

<sup>33</sup> SEITZ, 1990, p. 27.

respondeu em algum tempo de sua história — às perguntas que surgiram. Estas respostas têm que estar em consonância com a Escritura. A confessionalidade deve estar submissa às Escrituras Sagradas. Para entender melhor o contexto ao qual foram feitas as perguntas, é importante ampliar a pesquisa, lendo comentários bíblico-teológicos sobre o texto em análise, consultando enciclopédias ou outros documentários que sejam relevantes sobre o assunto. Esse trabalho ajudará a superar a distância que há entre nós e o testemunho bíblico e ampliará os horizontes sobre o texto bíblico.

### Invenção da prédica

É aqui que se deve fazer uma seleção do que vai se aproveitar ou não do material coletado. Manfred Seitz escreve:

Agora vem a impiedosa necessidade da construção! É preciso eliminar. Deve-se perguntar a mais de um pensamento que, no decorrer do trabalho, talvez se nos tenha tornado próximo ou afeiçoado, se é possível, se faz sentido ou se é necessário acolhê-lo na prédica. O mesmo vale em relação a exemplos, imagens, objeções e associações.<sup>34</sup>

a) O alvo da prédica, — a saber, o alvo específico baseado no texto em questão, — é formulado, apoiando-se diretamente na intenção verificada na exegese. O que Deus quer alcançar, impreterivelmente, na comunidade de hoje através da vinculação a esse texto?

b) O assunto da prédica é pré-determinado pelo *querigma* da exegese. Temos que levar em conta os principais enunciados do texto. Eles precisam ser interpretados como pontos principais para atingir o alvo da prédica.

c) Peculiaridade da prédica: considerar a estrutura a ser usada no desenrolar da prédica. Início, procedimento, ilustração e linguagem devem ser escolhidos e, eventualmente, delineados num primeiro esboço.

A contemplação pessoal, que foi feita no começo do processo de contato com o texto bíblico, neste ponto, fará toda a diferença. O que foi verificado lá será descrito aqui. Pois o rastro de luz que transforma uma prédica num acontecimento para o ouvinte nasce na meditação do texto.<sup>35</sup>

Não se deve esquecer de uma das partes de igual, ou até maior, importância na celebração de um culto como um todo, que é a confecção da liturgia. A prédica não é um elemento separado da liturgia, mas, sim, uma de suas partes. O conteúdo da prédica é que dá o tom à liturgia, sendo que esta deverá ser moldada à luz do tema gerado a partir do texto bíblico.

### **Proposta da Nova Homilética**

A proposta da Nova Homilética, apresentada por Mauro Batista de Souza, é que o ponto de partida da pregação seja a vida dos ouvintes. Essa forma de pregação é denominada de pregação indutiva. A pregação não traz conclusões prontas, mas caminha de tal forma que os ouvintes vão construído suas próprias conclusões.

---

<sup>34</sup> SEITZ, 1990, p. 27.

<sup>35</sup> SEITZ, 1990, p. 28.

Uma prédica indutiva inicia com as particularidades das experiências concretas e convida as pessoas ouvintes a “embarcarem” em uma aventura cheia de curvas perigosas, retas, subidas acentuadas, etc., até o momento em que todos e todas conseguem enxergar o lugar para onde estão indo. No modelo indutivo, a mensagem vai sendo descoberta de forma coletiva, no desenrolar da prédica. Provoca-se a coceira, que só vai aumentando até o momento em que é possível coçar-se. Ah, que alívio...<sup>36</sup>

Esse tipo de prédica não está preocupado em apresentar uma verdade unidirecional ou uma única asserção.

A finalidade do movimento indutivo é, [...], engajar as pessoas ouvintes na perseguição de um assunto ou idéia de tal forma que elas pensem seus próprios pensamentos e experimentem seus próprios sentimentos, na presença de Cristo e sob a luz do Evangelho.<sup>37</sup>

Esse método não é algo estranho ou totalmente desconhecido, pois Jesus usou métodos semelhantes. Jesus partia com sua pregação do contexto dos ouvintes e permitia-lhes chegarem às suas próprias conclusões.

[...] as pessoas que pregam poderiam ter uma melhora significativa em suas prédicas se elas, no momento da pregação, refizessem o mesmo percurso indutivo que haviam feito durante a preparação para a prédica. Não se trata de encher a prédica com informações exegéticas ou jargões teológicos, mas de seguir o princípio indutivo durante a *performance* da prédica, partindo de afirmações, constatações ou perguntas bem específicas e particulares para, a partir delas, ir crescendo até um final coerente.<sup>38</sup>

Este método pode gerar uma certa insegurança para o/a pregador/a, pois é bem mais fácil quando se faz uma prédica fechada, sem possibilidade de diálogo com os/as ouvintes. O teólogo, homilista, Souza, propõem uma pergunta de autoavaliação às igrejas: essa segurança dos/as pregadores/as tem ajudado as pessoas a permanecerem na igreja?<sup>39</sup>

Não nos esqueçamos daquilo que o professor doutor Nelson Kirst concluiu em sua pesquisa realizada em Vale da Pitanga:

O que, sempre e em todos os lugares e atividades, move as pessoas entrevistadas em Vale da Pitanga, o que proporciona um nexos lógico e coerente ao seu sistema cultural como um todo é o proto-componente cultural que se designou empenho pela vida – própria e dos/as familiares mais imediatos/as.<sup>40</sup>

A parte citada acima refere-se ao culto como um todo. Mas, nem por isso, a reflexão pode ser deixada de lado já que a prédica para grande parte dos/as luteranos/as é a parte central do culto. A prédica será interessante, proveitosa e inclusiva se ela falar sobre e para dentro da vida dos/as ouvintes.

---

<sup>36</sup> SOUZA, 2007, p. 13.

<sup>37</sup> SOUZA, 2007, p. 13.

<sup>38</sup> SOUZA, 2007, p. 14.

<sup>39</sup> SOUZA, 2007, p. 15.

<sup>40</sup> KIRST, Nelson (coord.). *Culto e Cultura em vale da pitanga*: breve relatório de uma pesquisa social. São Leopoldo: IEPG, julho de 1995. Trabalho não publicado. p. 05.

Para Craddock, teólogo americano, as prédicas dedutivas, oriundas do uso do método clássico, estão em crise. Segundo o autor, elas ainda estão sendo amplamente utilizadas até o presente momento, mas mostram-se ineficientes.

Nestes tempos de diálogos abertos, prédicas que seguem os modelos clássicos serão cada vez menos aceitas. Este fato é assustador para muitos pregadores e pregadoras, é claro, porque no método tradicional o pregador está seguro e livre das inconveniências e ameaças do diálogo. Para tornar-se relevante, a pregadora agora precisa expor-se aos perigos da fala (e não mais do discurso). Ela não apenas confia suas palavras às pessoas ouvintes, mas se abre em direção à resposta delas. Ela acredita que, para ser completa, a prédica precisa das pessoas que a ouvem.<sup>41</sup>

A proposta da Nova Homilética é desafiadora, mas está longe de ser impossível de ser executada. O culto como um todo precisa falar da vida, sobre a vida, para a vida. Assim, teremos celebrações mais vivas e participativas. Pregadores/as precisam correr o risco de serem confrontados com a teologia da vida cotidiana, até para eles repensarem a sua própria teologia. O diálogo é fundamental nesta proposta.

A prédica narrativa<sup>42</sup> seria uma ótima alternativa, pois “experiência humana e narração estão intimamente relacionadas. A narração é o que dá forma à experiência humana. As pessoas são, acima de tudo, a soma das suas histórias de vida”.<sup>43</sup>

Em grande parte, as prédicas do modelo clássico têm por intenção a comunicação de ideias, de teorias prontas, algumas delas elaboradas pelo/a pregador/a. Kirst concluiu que esse tipo de prédica é refutada pelas pessoas: “ao que tudo indica, via de regra, religião não é, para as pessoas, algo a ser teorizado, mas vivenciado. Religião se vive, não se teoriza”.<sup>44</sup>

Mauro Batista de Souza levanta o questionamento: a prédica é um meio de comunicar ideias?<sup>45</sup> Ou de proporcionar experiências?<sup>46</sup>

A prédica, entendida como organização de idéias, no espaço depende da substância, do conteúdo sobre o qual ela discorrerá. Já a prédica vista como o dar forma a um processo de eventos busca conduzir os ouvintes a um destino, à resolução de um conflito. No primeiro caso, é possível reduzir a prédica a uma única sentença, o que é bastante difícil na segunda opção. [...]. Prédicas podem expor idéias (a serem aceitas ou não) ou podem criar experiências (a serem vivenciadas ou não). Ou seja, uma prédica pode defender a idéia de que “Deus é amor” e as pessoas podem vir a acreditar que Deus é amor. Uma outra prédica, no entanto, pode levar as pessoas ouvintes a experimentar o amor de Deus em suas vidas (através de exemplos concretos). A diferença é gritante.<sup>47</sup>

---

<sup>41</sup> CRADDOCK *apud* SOUZA, 2007, p. 16.

<sup>42</sup> Ver mais informações sobre a prédica narrativa em: MORAES, 2008, p. 244ss.

<sup>43</sup> SOUZA, 2007, p. 17.

<sup>44</sup> KIRST, 1995, p. 11.

<sup>45</sup> SOUZA, 2007, p. 21. (tarefa) Organizar, (forma) estrutura, (foco) tema, (princípio) substância e conteúdo, (produto) índice e pontos, (meio) lógica e clareza, (objetivo) explicar e entender, (tipo de prédica) expositiva, dedutiva, explanatória, topical, (paradigma) textualidade e literatura.

<sup>46</sup> SOUZA, 2007, p. 21. (tarefa) dar forma e performar, (forma) processo, (foco) eventos e acontecimentos, (princípio) resolução, (produto) trama, (meio) ambiguidade e suspense, (objetivo) acontecer, fazer e proporcionar, (tipo de prédica) indutiva e narrativa, (paradigma) oralidade.

<sup>47</sup> SOUZA, 2007, p. 21.

O momento da prédica é algo do qual os/as ouvintes e os/as pregadores/as participam ativamente. Os/as ouvintes são valorizados quando estes são tratados como pessoas capazes de tirar as suas próprias conclusões. O ouvinte da prédica tem de ter o direito de concordar — ou não — com a fala do/a pregador/a. Favorecer esta liberdade é dar atenção à humanidade do/a ouvinte. A pregação indutiva prima pelos valores humanizantes. Fechamos este tópico com as palavras do homileta Mauro Batista de Souza:

Os ventos que sopraram há algumas décadas no norte das Américas estavam encorajando pregadoras e homilistas a agarrar-se não mais em precisão e certeza literárias e teológicas, mas voltar-se à narração, poesia, mistério, incertezas. Minha sugestão é que nós também — pregadoras e pregadores latino-americanas/os — passemos a compreender a prédica como algo que não acontece na boca de quem fala nem na página de um texto escrito, mas no ouvido, e daí no coração, na mente e nas entranhas de quem ouve. Trata-se, quem sabe, da busca por menos discursos absolutamente precisos e mais cochichos meramente esperançosos.<sup>48</sup>

### Conclusão

A prédica é o resultado final de um longo processo de elaboração: o/a pregador/a dialogou com o texto bíblico, com a comunidade de ouvintes buscando trazer o texto bíblico para dentro da vida dos/as ouvintes. Mas, mesmo após ter seguido um modelo de orientação homilética para a confecção da prédica, ainda assim, ela não estará elaborada totalmente. A elaboração final acontece no momento em que ocorre, o diálogo com os/as ouvintes, pois ocorrerá no coração e no ouvido de quem a ouve. Pastor Dr. Jilton de Moraes, teólogo batista, escreve: um piloto de avião tem de planejar o seu voo detalhadamente para poder decolar com a aeronave<sup>49</sup>, mas isso não quer dizer que o plano não possa ser alterado durante o trajeto, por causa de uma tempestade ou algum outro problema. Entretanto, — assumindo o que diz a Nova Homilética —, a decolagem, o voo, a aterrissagem serão percebidos e experimentados de forma única e distinta por cada passageiro, muito embora todos tenham chegado ao mesmo destino. Da mesma forma, a prédica que o/a pregador/a anunciar tornar-se-á em inúmeras e diferentes prédicas no ouvir e no sentir da assembleia litúrgica presente.

### Referências

*Bíblia de Estudo Conselheira Novo Testamento: acolhimento, reflexão, graça.* Nova tradução na linguagem de hoje. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri: São Paulo, 2011.

BUTZKE, Paulo Afonso. *Leitura orante – Orar com a Bíblia: passos para meditar um texto bíblico.* (texto avulso, não publicado, sem data).

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

---

<sup>48</sup> SOUZA, 2007, p. 23.

<sup>49</sup> MORAES, 2008, p. 35.

KIRST, Nelson (coord.). *Culto e Cultura em vale da pitanga*: breve relatório de uma pesquisa social. São Leopoldo: IEPG, julho de 1995. Trabalho não publicado.

\_\_\_\_\_. Experiência homilética em Canudos: aprendendo no grupo de preparo de prédicas. *Estudos Teológicos*, Vol./No. 22/1, p. 49-79, 1982.

\_\_\_\_\_. *Rudimentos de homilética*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1985.

LORO, Tarcisio Justino. Jesus Cristo, modelo de comunicador. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. São Paulo, p. 47-55, 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/3463/2287>> Acesso em: 25 de abril 2012.

MORAES, Jilton. *Homilética*: do púlpito ao ouvinte. São Paulo: Vida, 2008.

POLITO, Reinaldo. *Superdicas para falar bem*: em conversas e apresentações. São Paulo: Saraiva, 2005.

SEITZ, Manfred. *Prática da Fé*: culto, poimênica, espiritualidade. São Leopoldo: Sinodal, 1990.

SOUZA, Mauro Batista de. *A nova homilética*: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 5-24, jun. 2007.

\_\_\_\_\_. *Diálogo entre pedagogia e homilética*. 1997. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1997.

\_\_\_\_\_. Prédica e Música. In: EWALD, Werner (org.). *Música e igreja*: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

STRECK, Edson E. Elementos essenciais à prédica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Vol./No. 33, p. 254-260, 1993.